



ERRÓ
DE IMAGEM A IMAGEM



ERRÓ

DE IMAGEM A IMAGEM

CURADORIA
DANIELLE KVARAN

28 de março a 02 de agosto de 2026



Fundação Iberê

Em uma tarde fria e chuvosa de fevereiro passado, em Paris, retorno ao ateliê de Erró, sempre acompanhado por sua filha Tura, para ajustar os últimos detalhes da exposição especialmente preparada para a Fundação Iberê, em parceria com o Museu de Arte de Reykjavík, da Islândia.

Este projeto vem sendo gestado desde minha passagem pela Dinamarca, em março de 2023, quando os curadores Gunnar e Danielle Kvaran me convidaram para a abertura de outra exposição de Erró, intitulada *O poder das imagens*. Na ocasião, tive o privilégio de conhecer mais amplamente a obra, o artista e sua visão de sociedade, de arte e de política, sempre entremeada de muito humor que, na maioria das vezes, se revela uma arma ácida e eficaz. Erró é um artista maior nesse campo e é considerado pioneiro dessas narrativas figurativas e precursor do que hoje se chama *street art*, com viés político. Na apresentação da Tate Modern, em Londres, afirma-se que “Erró foi um dos artistas radicais das décadas 50 e 60, comprometido com a nova pintura figurativa, crítica do contexto sociopolítico de sua época”.

Aos 93 anos de idade, sua obra permanece universal e atemporal – e talvez mais pertinente do que nunca no mundo polarizado em que vivemos.

Tudo isso só foi possível graças ao inestimável apoio de Danielle e Gunnar, incansáveis parceiros e amigos de muitos outros projetos, que, junto com o diretor Markús Þór Andrésson, do Museu de Arte de Reykjavík, nos proporcionam uma exposição que é um verdadeiro intercâmbio “por meio da linguagem das imagens”.

EMILIO KALIL
Fundação Iberê



Há mais de três décadas, o Museu de Arte de Reykjavík é a principal casa do extraordinário legado artístico de Erró. Poucos artistas islandeses construíram uma carreira internacional tão profunda quanto Erró, cuja linguagem visual distinta lhe assegurou uma posição única na arte contemporânea. Enraizada na colagem, a partir de imagens encontradas na imaginação política e nas correntes culturais globais, sua obra ressoa muito além das fronteiras nacionais, e sua voz permanece ao mesmo tempo inconfundível e relevante.

O Museu de Arte de Reykjavík detém a mais extensa coleção de trabalhos de Erró em todo o mundo. Ela foi estabelecida em 1989, quando o artista fez uma grande doação de pinturas, colagens, desenhos e material de arquivo ao Museu. Desde então, contribuições contínuas de Erró permitiram que a coleção se transformasse em um recurso sem paralelo para pesquisas, exposições e estudos acadêmicos. Hoje, ela constitui um alicerce vital para a compreensão de sua prática e de sua evolução ao longo de mais de seis décadas.

É um enorme prazer para o Museu de Arte de Reykjavík colaborar com a Fundação Iberê e emprestar obras dessa coleção para a presente exposição. O Museu tem orgulho de contribuir e apoiar a exploração contínua de um corpo de trabalho que permanece tão vibrante e instigante hoje, tanto quanto quando surgiu pela primeira vez. Tais colaborações são essenciais para a missão do Museu: apoiar o diálogo internacional, fomentar novas interpretações da obra de Erró e tornar seu trabalho acessível a contextos mais amplos. Ao colocar essas obras em conversa com novos públicos, damos continuidade ao próprio espírito do artista, marcado pelo intercâmbio cultural e pela curiosidade incansável; uma conversa internacional por meio da linguagem das imagens.

MARKÚS ÞÓR ANDRÉSSON
Museu de Arte de Reykjavík



ERRÓ DE IMAGEM A IMAGEM

DANIELLE KVARAN

Erró, nascido Guðmundur Guðmundsson, em 1932, no oeste da Islândia, é conhecido por ter inventado a pintura-colagem narrativa. Essas composições, geralmente concebidas em séries, constituem uma contribuição fundamental para a renovação da figuração pictórica na arte do pós-guerra. Atuando entre a colagem, a pintura, a gravura, a performance e o cinema experimental, o artista desempenhou um papel central na vanguarda europeia dos anos 1960. Embora com frequência associado ao Dadaísmo, ao Surrealismo, à Figuração Narrativa e à Pop Art, sua produção artística desafia classificações e afirma uma voz criativa marcada por uma independência feroz.

Desde o início de sua carreira, Erró tem buscado inspiração em imagens criadas por outros. Seus primeiros experimentos com citação visual e colagem deram lugar, nos anos 1960, a uma virada decisiva: o abandono de seu imaginário pessoal para trabalhar exclusivamente com o repertório imagético coletivo de seu tempo. A partir desse momento, a colagem deixou de ser apenas uma técnica – tornou-se o modelo estrutural de toda a sua produção pictórica, gráfica e cinematográfica, assumindo o papel antes ocupado pelos esboços preparatórios.

Por meio de uma seleção de colagens, pinturas, gravuras e filmes da Coleção Erró do Museu de Arte de Reykjavík, esta exposição percorre mais de seis décadas de criação nas quais o artista reconfigura o mundo a partir de fragmentos – confrontando o público com uma linguagem visual ao mesmo tempo crítica, lúdica e inconfundivelmente pessoal.

Reunidas ao longo de suas viagens pelo mundo, as imagens de referência de Erró abrangem todos os campos imagináveis – da arte e do cinema às histórias em quadrinhos e caricaturas, passando pela ciência e tecnologia, história e política, publicidade e propaganda, e até o erotismo. Submetidas a diversas formas de apropriação e recombinação inventiva, essas imagens alimentam um universo denso e satírico. Visualmente explosivas, suas obras confrontam o espectador com ícones reimaginados, narrativas fraturadas e confrontos visuais ousados. Cada trabalho convida à reflexão sobre mitos, estruturas de poder e sistemas midiáticos, com uma sagacidade afiada, que abre espaço para a precisão – e até mesmo para a poesia.

Essa abordagem provocadora e incisiva transforma cada imagem em um espaço de resistência e fantasia. Aqui, a arte não se limita a espelhar o mundo: ela o desmonta, o reorganiza e revela seus mecanismos ocultos. Convida-nos a ver – e a pensar – de outra forma.

Erró se inspira no mundo globalizado e em seu fluxo incessante de imagens e informações. Pioneiro da colagem pintada, prática que consiste em compor pinturas a partir de montagens de imagens *ready-made*, construiu uma saga exuberante da sociedade de consumo e da política global, com frequência marcada por uma alfinetada satírica. Ao misturar e confrontar livremente imagens de origens diversas, construiu um corpo de trabalho denso, complexo e por vezes inquietante, que desmonta estereótipos culturais, perturba hierarquias e embaralha as fronteiras entre passado e presente, ficção e realidade. Levando a arte da colagem a seus limites extremos, suas composições articulam um fluxo de narrativas visuais poderosas, que já mapeavam a “cena mundial” muito antes do surgimento da internet e da consolidação da globalização como tema recorrente.

Emergindo em uma época em que as imagens, informativas e ficcionais, começaram a saturar o ambiente, a memória e a imaginação, Erró apreendeu, de maneira singular, tanto o poder quanto o potencial expressivo dessa massa visual heteróclita e pulsante que viria a definir a cultura contemporânea. Ele a transformou em uma força criativa, corajosa e produtiva. Por meio da citação, da colagem e da acumulação, desenvolveu uma obra vasta e original, que interroga o mundo e suas representações. Sua criatividade é movida, ao mesmo tempo, por um fascínio pelas imagens e por uma distância crítica em relação a elas.

Erró sempre foi um apaixonado consumidor e criador de imagens. Desde cedo, encontrou prazer no desenho e na pintura, fascinado pelas múltiplas formas de representar o mundo. Segundo ele, sua aguçada percepção visual tornava mais fácil descrever as coisas por meio de imagens do que por palavras. Seu talento para o desenho se desenvolveu rapidamente e logo foi reconhecido na escola e em seu entorno. Ser filho de um artista – o pintor figurativo e ceramista islandês Guðmundur Einarsson de Miðdalur – certamente o incentivou nesses caminhos. No entanto, seu verdadeiro mentor foi o pintor paisagista não convencional

Jóhannes Sveinsson Kjarval, que lhe deu seus primeiros tubos de tinta e pedaços de tela. Ainda adolescente, Erró decidiu naturalmente tornar-se artista. Movido por uma sede insaciável de conhecimento e pelo desejo de explorar formas, técnicas e ideias, estudou em escolas de arte em Reykjavík, Oslo, Ravena e Florença. Seu interesse em se aproximar das linguagens artísticas mais contemporâneas o levou a se estabelecer em Paris, no outono de 1958, e, mais tarde, a viajar para Nova York, entre dezembro de 1963 e maio de 1964. Essas experiências transformaram, de forma gradual, sua abordagem da pintura, abrindo-a a novas linguagens visuais e estruturas conceituais.

Foi nesse contexto de transformação que a colagem emergiu como matriz e modelo de toda a sua obra. Erró a experimentou pela primeira vez como estudante na Escola de Artes e Ofícios da Islândia, em Reykjavík, utilizando recortes de papel colorido à maneira de Matisse. Em Florença, desenvolveu pinturas citacionais – colagens implícitas, compostas por referências a mestres antigos e modernos. A colagem, em sua forma material de montagem de imagens recortadas, ingressou em sua prática em 1958, durante uma estadia em Israel, por meio de uma técnica mista que combinava desenho e imagens da imprensa, como na série *Radioactivity*. Pouco depois, abandonou a invenção gráfica para trabalhar de forma exclusiva com imagens “ready-made”, retiradas de publicações populares. O gesto verdadeiramente radical ocorreu quando transpôs essas montagens para a tela, integrando a colagem à técnica da pintura. Esse movimento dissolveu as fronteiras entre original e cópia, arte e artesanato, cultura popular e cultura erudita, consumo e produção – um processo reiterado série após série até os dias de hoje. Ao criar pinturas a partir da montagem de imagens preexistentes, Erró encena aquilo que Roland Barthes denominou “a morte do autor”: o desaparecimento do sujeito civil como criador único, substituído por um recompositor cuja obra se abre a um campo polifônico e indefinido de interpretações.

A partir dessa prática fundada na colagem, Erró desenvolveu uma perspectiva transnacional muito antes de a globalização assumir sua forma contemporânea. Extraindo imagens do reservatório inesgotável da produção visual em massa, construiu um universo visual opulento e inquietante que transgride todas as fronteiras – não apenas geográficas, mas também estéticas, culturais, temporais, políticas e psicológicas. Resistindo a qualquer categorização, sua obra se destaca pela amplitude de referências visuais, pela audácia e variedade de colisões espaço-temporais e estilísticas, pela ousadia formal e cromática, e por uma liberdade de tom, com frequência atravessada pelo humor e pela ironia. “Poderosa” talvez seja a palavra mais adequada para descrevê-la. Visualmente, explode em cores e formatos cada vez mais amplos, que exigem atenção; semanticamente, se abre a múltiplos níveis de leitura. Afirma-se como um antídoto potente aos mitos e narrativas da “sociedade do espetáculo” e do consumismo. Ao mesmo tempo, oferece uma das representações mais eloquentes do ensurdecido ruído visual e informacional que define o mundo contemporâneo.

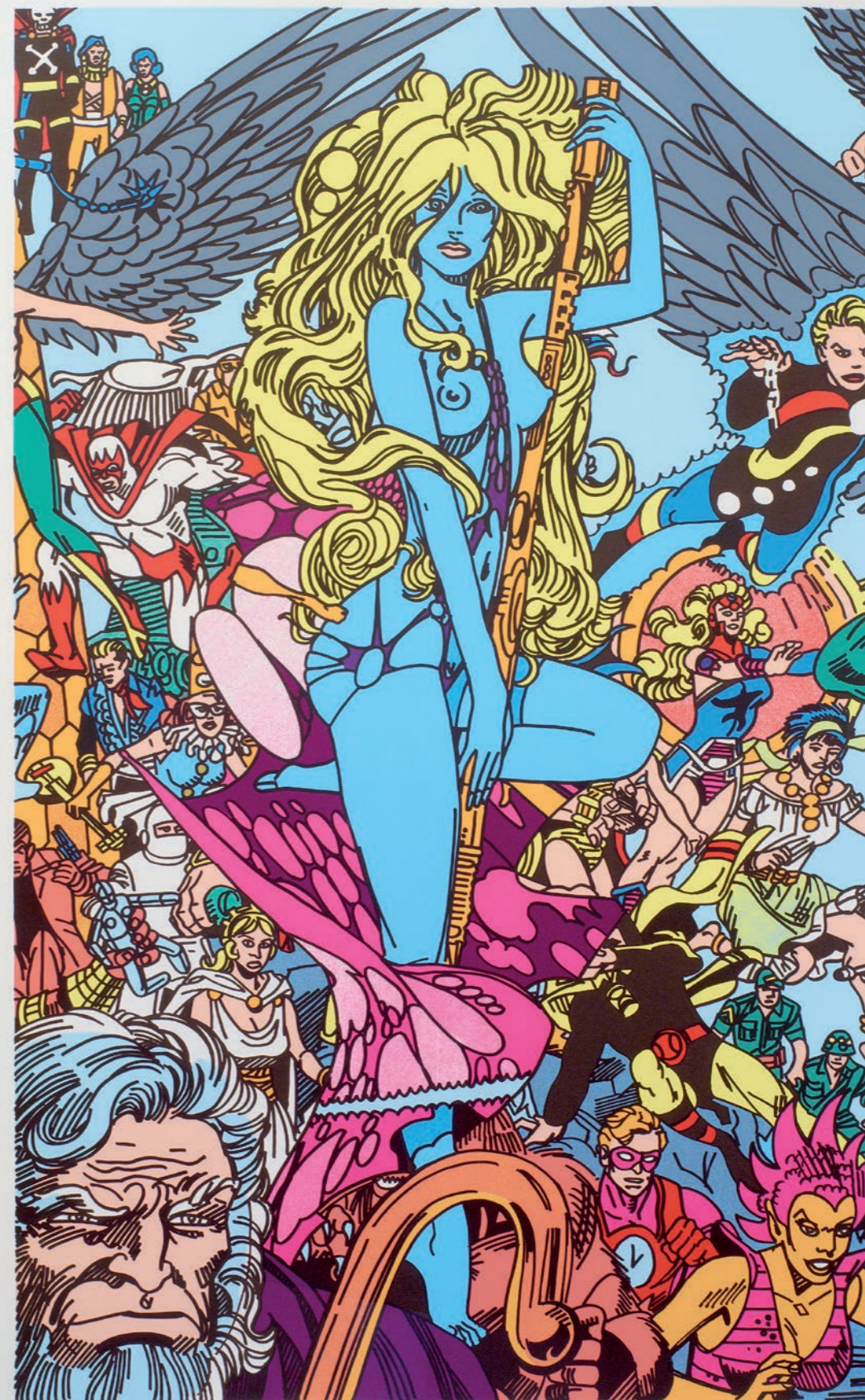
Abundância, multiplicação e circulação global – tais são as forças que moldam o destino das imagens produzidas e reproduzidas de forma técnica, sejam elas tiradas da história da arte ou dos meios de comunicação de massa. Erró interrompe esse fluxo mecânico e subtrai as imagens de suas funções habituais. Ele rompe sua serialidade, seus estereótipos e significados fixos ao

fragmentá-las, colocá-las em choque e reorganizá-las em novas composições, que, de modo paradoxal, também podem ser reproduzidas e multiplicadas. De fato, embora o processo natural consista em reproduzir parte dessas colagens em pintura, muitas vezes com o auxílio de um projetor ou de um episcopo, ele não se encerra aí. Com o tempo, as imagens criadas reaparecem na forma de “múltiplos”: serigrafias, cerâmicas, placas esmaltadas, impressões digitais – e circulam por todo tipo de publicação, de catálogos de exposição a livros escolares, incluindo os dez catálogos gerais de sua obra, concebidos pelo próprio artista e publicados entre 1968 e 2019, que reproduzem todas as suas pinturas, além de uma seleção de desenhos, colagens e múltiplos.

Ao longo de toda a sua carreira, Erró manteve um compromisso constante com a acessibilidade de sua arte – tanto visual quanto econômica – a um público amplo. Já em 1956, na Itália, afirmava que a arte deveria habitar os espaços públicos. Em 1959, em Paris, destacava a importância da visibilidade museológica e incentivava a aquisição de obras de pequeno formato – pinturas, mosaicos, gravuras – para enriquecer os ambientes cotidianos. Ao longo das décadas, realizou numerosos projetos de arte pública, incluindo murais na Islândia, França e Portugal. Além disso, merece destaque o fato de que ele fez doações expressivas a instituições públicas, em especial ao Museu Nacional de Arte Moderna do Centre Pompidou, em Paris, e, de forma ainda mais ampla, ao Museu de Arte Reykjavík, que desde 1989 recebeu mais de 4.500 obras. É sobre essa imensa riqueza e diversidade que se constrói a presente exposição.

Danielle Kvaran (1956) é pesquisadora e curadora francesa, uma das principais especialistas da obra de Erró. Desde 2008, atua como pesquisadora e curadora da Coleção Erró no Museu de Arte de Reykjavík, que abriga o mais extenso conjunto de obras e arquivos do artista. Colaborou com instituições de destaque como o MAC Lyon, o MNAM–Centre Pompidou e a Schirn Kunsthalle. Autora de *Erró Chronology* (2007), monografia de referência sobre o artista, foi curadora da retrospectiva *Erró: The Power of Images* (2022).

Sem título, da série
Les Femmes Fatales, 1993
Serigrafia
105 x 65 cm





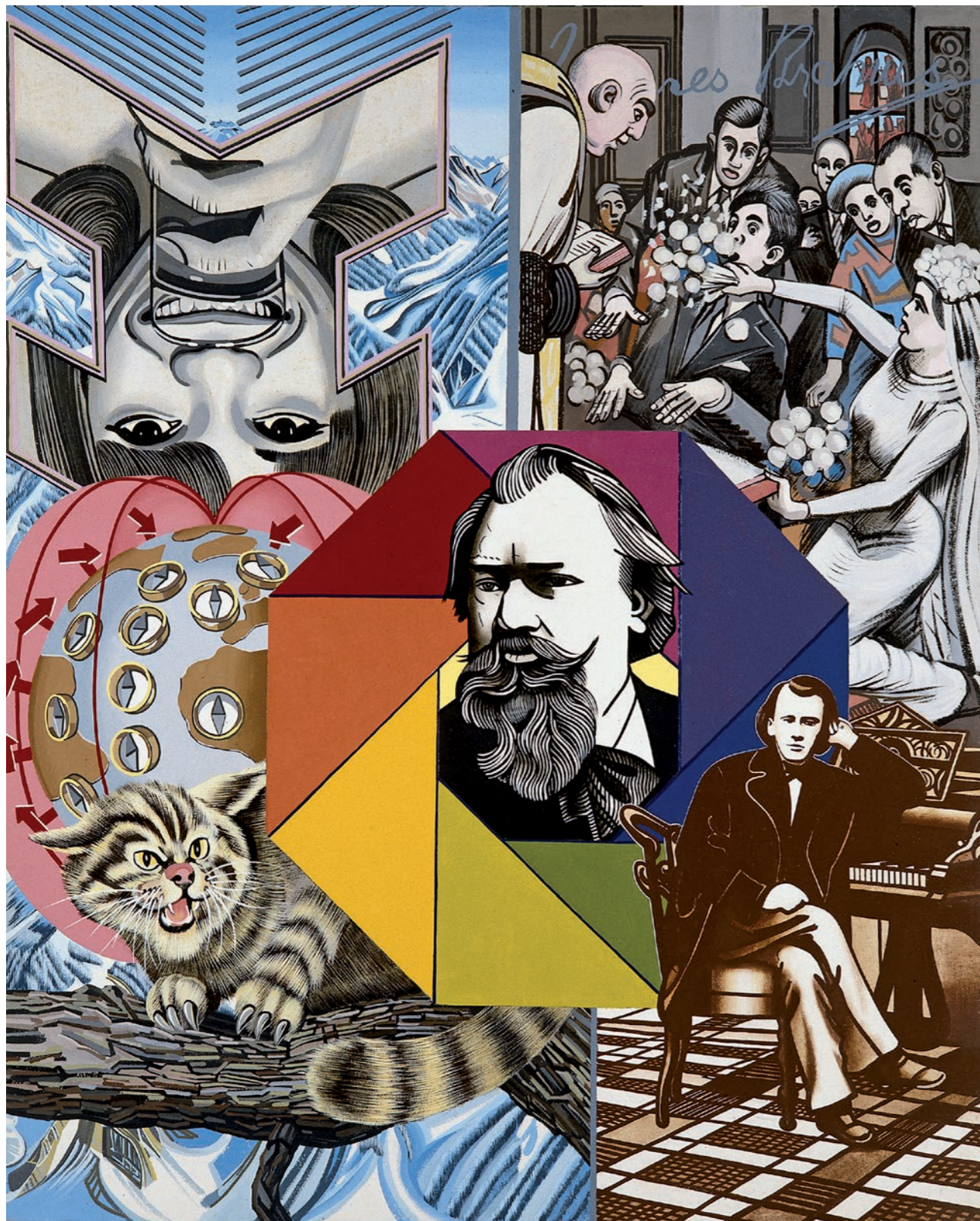
Sem título, da série
Les Femmes Fatales, 1993
Serigrafia
105 x 65 cm



Sem título, da série
Les Femmes Fatales, 1993
Serigrafia
105 x 65 cm



50th Anniversary
[50º aniversário], c. 2018
Tinta gliceroftálica sobre tela
150 x 210 cm



Johannes Brahms 1833-1897, da série
Contrepoints [Contrapontos], 1979
 Tinta gliceroftálica sobre tela
 162 x 130 cm



Niccolò Paganini 1782-1840, da série
Contrepoints [Contrapontos], 1982
 Tinta gliceroftálica sobre tela
 162 x 130 cm



Sonjascape, da série
Mini-Scapes [Mini-paisagens], 1992
Tinta gliceroftálica sobre tela
130 x 162 cm



Mangaway, da série
Black and White No. 1
[Preto e branco N° 1], c. 2015
Tinta gliceroftálica sobre tela
146 x 97 cm



Street Fighters No. 2,
da série **City Creation No. 1**
[Criação da cidade N° 1], 2016
Tinta gliceroftálica sobre tela
130 x 97 cm



Le Frigidaire de Bocassa
[A geladeira de Bokassa], da série
Winter Spring [Inverno primavera], 2008
Tinta gliceroftálica sobre tela
97 x 160 cm



Earthquake
[Terremoto], 2010
Tinta gliceroftálica sobre tela
131 x 161 cm



Ralph Vaughan Williams (1872-1958),
da série **Contrapontos** [Contrapontos], 1979
Tinta gliceroftálica sobre tela
130 x 162 cm



Ezra Pound, da série
The Monsters [Os monstros], 1968
Tinta gliceroftálica sobre tela
33,5 x 46,5 cm



Wagner, da série
The Monsters [Os monstros], 1968
Tinta gliceroftálica sobre tela
33,5 x 46,5 cm



Lizst, da série
The Monsters [Os monstros], 1968
Tinta gliceroftálica sobre tela
38,5 x 46,5 cm



La Vie de Rubens [A vida de Rubens],
da série **La Vie des Peintres**
[A vida dos pintores], 1977
Tinta gliceroftálica sobre tela
97 x 130 cm



Edgar Poe, da série
Les Poètes [Os poetas], 1977
Tinta gliceroftálica sobre tela
130 x 89 cm



At the Seaside [À beira-mar],
da série **Max Beckmann**, 2014
Tinta gliceroftálica sobre tela
97 x 99 cm



Picasso, da série
Art History [História da Arte], 1991
Colagem de papel
35 x 81 cm



La Troika Portuguesa, da série
 Strange Portraits [Retratos estranhos], 1978
 Tinta gliceroftálica sobre tela
 81,5 x 100,5 cm



Rhodesia (Ian Smith), da série
 Les Intérieurs 1920-1930 [Interiores 1920-1930], 1979
 Tinta gliceroftálica sobre tela
 89,5 x 130 cm



Paul Sample: Janitor's Holiday [Férias do zelador] (1936); D.D. Korine: Portrait des peintres du peuple de l'URSS [Retrato dos pintores do povo da URSS] (1958), da série Forty-Seven Years [Quarenta e sete anos], 1966 Tinta gliceroftálica sobre tela 128,5 x 67,5 cm



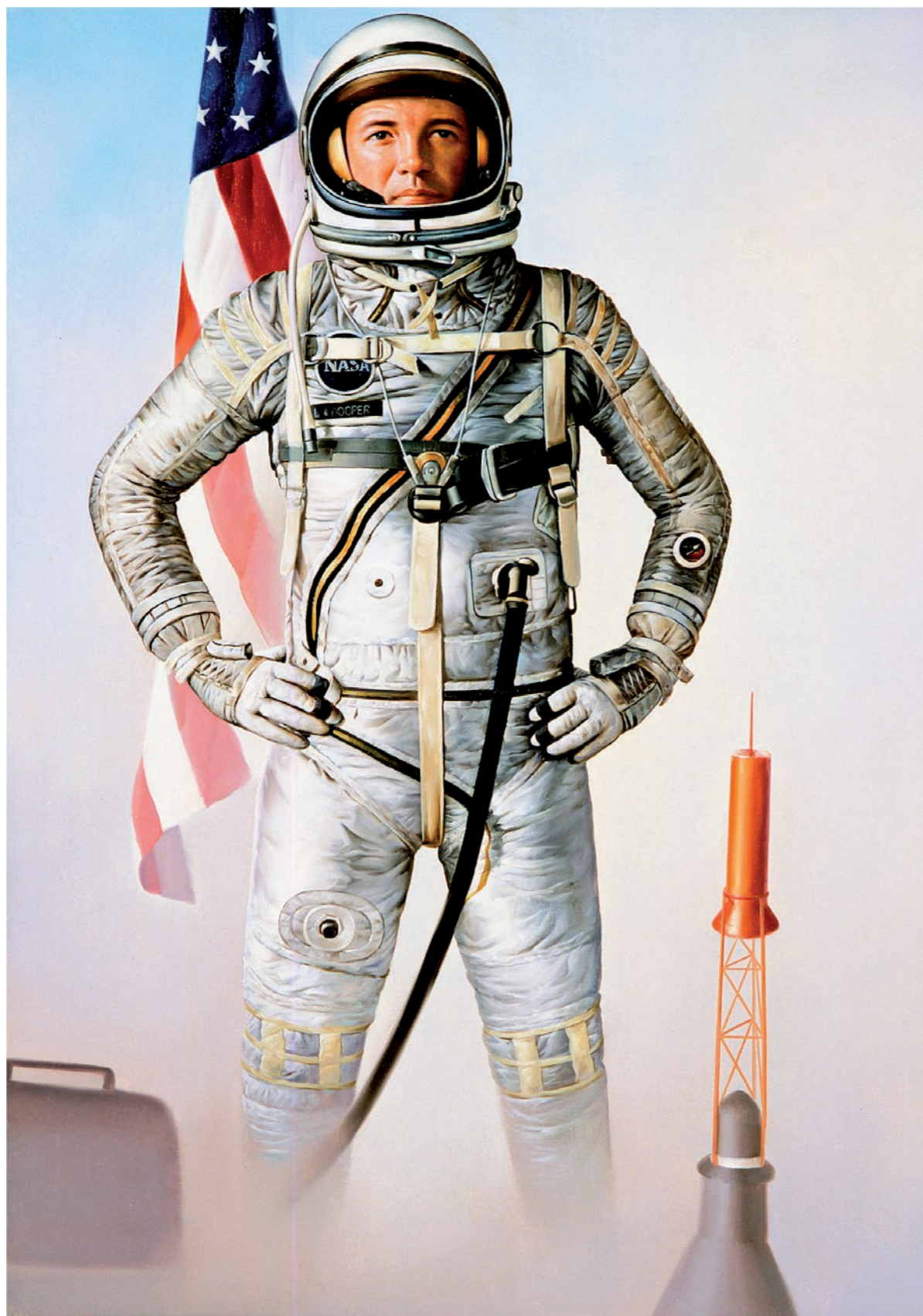
Janis Osis: Latvian Fishermen [Pescadores letões] (1951); Thomas Hart Benton: Huck Finn and [e] Nigger Jim (1939), da série Forty-Seven Years [Quarenta e sete anos], 1966 Tinta gliceroftálica sobre tela 129 x 67,5 cm



Chicago, da série **Chinese Paintings**
[Pinturas chinesas], 1974
Óleo sobre tela
96 x 76 cm



United Army [Exército unido],
da série **Tableaux Chinois**
[Pinturas chinesas], 1979
Óleo sobre tela
100 x 77 cm



Gordon Cooper with a Mercury Model
[Gordon Cooper com um Modelo da Mercury],
da série **Les Portraits des Cosmonautes**
[Os retratos dos cosmonautas], 1980
Óleo sobre tela
100 x 78 cm



Le Bain Turc [O banho turco], da série
Les Portraits des Cosmonautes
[Os retratos dos cosmonautas], 1979
Óleo sobre tela
101 x 74 cm



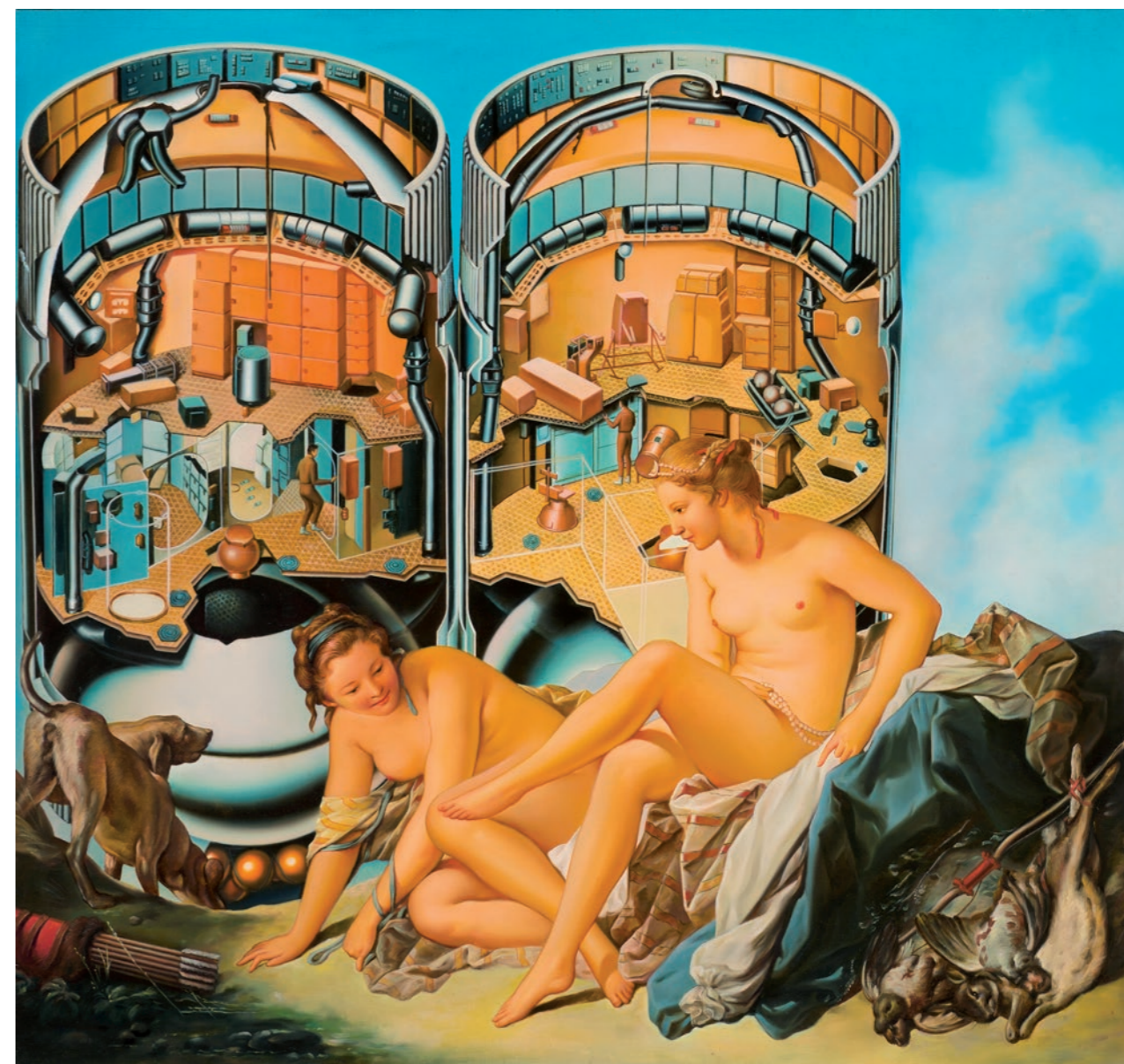
Apollo 14, da série
Spatiale [Espacial], 1974
Óleo sobre tela
90 x 110 cm



Firenze, da série **Chinese Paintings**
[Pinturas chinesas], 1974
Óleo sobre tela
68 x 95 cm



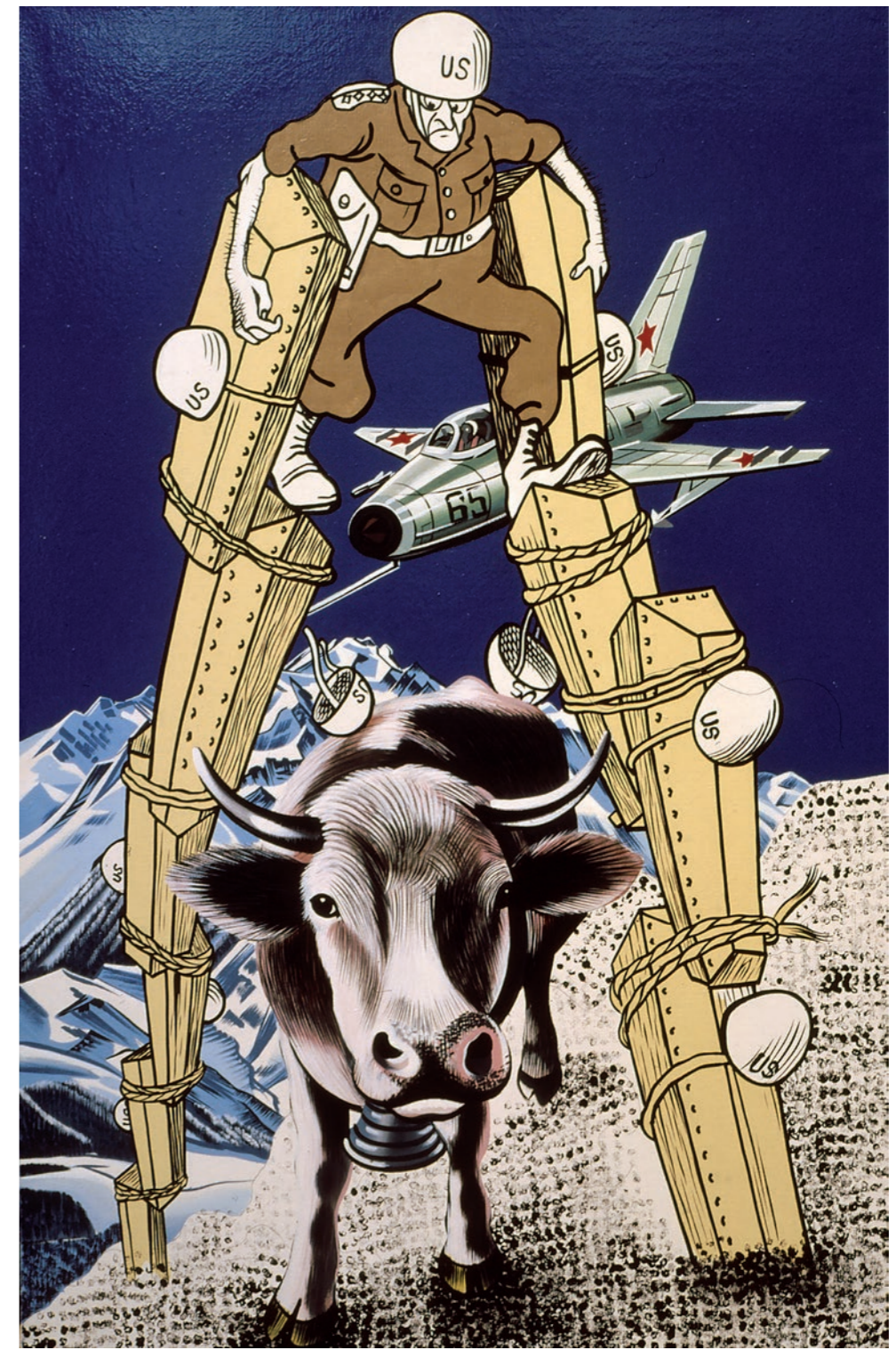
New Jersey, da série **Tableaux Chinois**
[**Pinturas chinesas**], 1979
Óleo sobre tela
90 x 99 cm



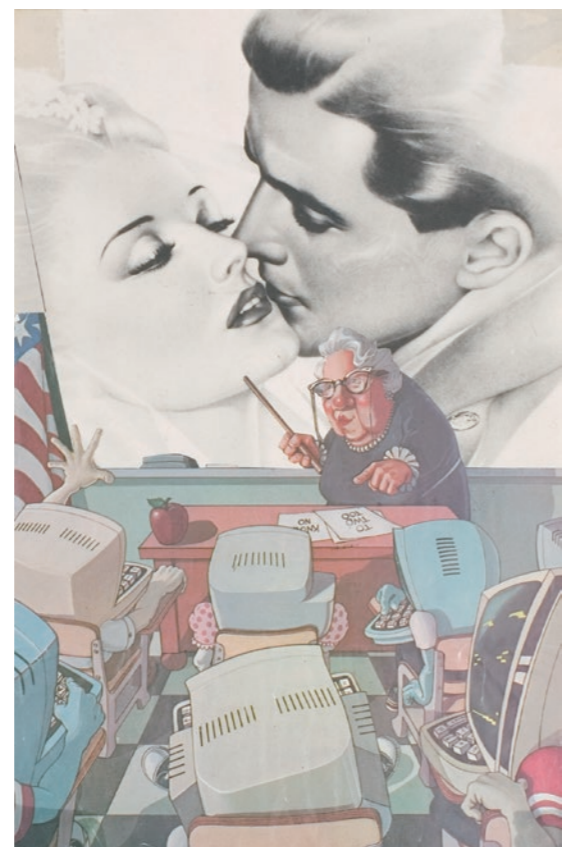
Double Spacelab [**Spacelab duplo**],
da série **Spatiale** [**Espacial**], c. 1975
Óleo sobre tela
91 x 97 cm



Apollo 16 Crew [Tripulação da Apollo 16],
da série *Les Portraits des Cosmonautes*
[Os retratos dos cosmonautas], c. 1979
Óleo sobre tela
99 x 86 cm



Going Home [Indo para casa],
da série *Military Life* [Vida militar], 1974
Tinta gliceroftálica sobre tela
100 x 65 cm



Mae West, da série **Fractured Fairytales [Contos de fadas fragmentados]**, 1989
Colagem de papel
25 x 17 cm

Silicon Valley [Vale do Silício], da série **Fractured Fairytales [Contos de fadas fragmentados]**, c. 1990
Colagem de papel
27 x 17,3 cm

Oswald, da série **Strange Portraits [Retratos estranhos]**, 1978
Colagem de papel
32 x 23 cm

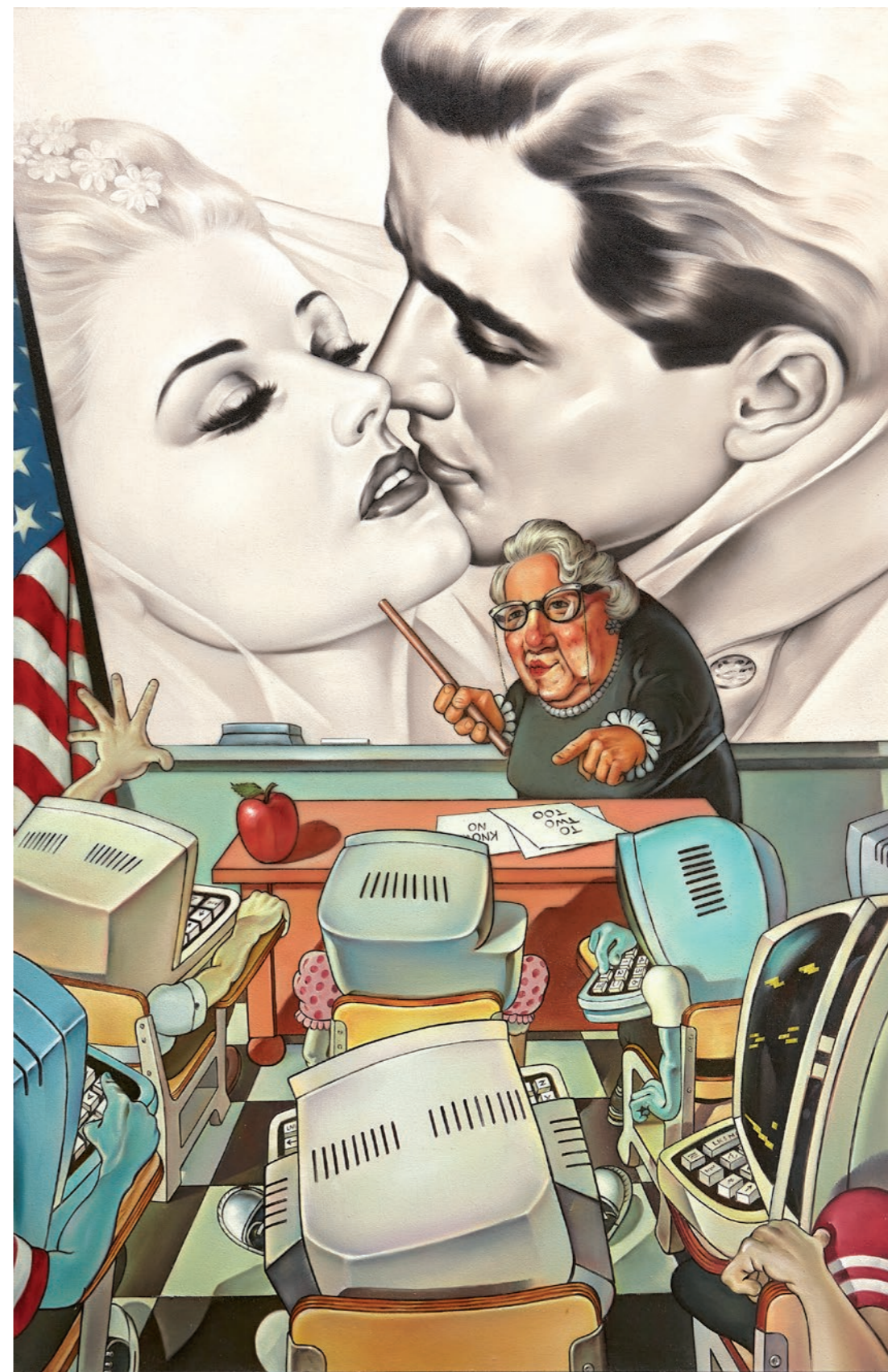
The World Today [O mundo hoje], da série **Peut-être plus tard [Talvez mais tarde]**, 2011
Colagem de papel
33 x 23,5 cm

Poupée du Radeau de la Méduse [Boneca da Jangada da Medusa], da série **Portraits de Poupées [Retratos de bonecas]**, c. 1989
Colagem de papel
34,5 x 21 cm

Hommage à [Homenagem a] Liotard, da série **1001 Nights [1001 noites]**, 1977
Colagem de papel
25,7 x 20,5 cm



Mae West, da série **Fractured Fairytales**
[Contos de fadas fragmentados], 1989
Óleo sobre tela
99 x 70 cm



Silicon Valley [Vale do Silício],
da série **Fractured Fairytales**
[Contos de fadas fragmentados], 1990
Óleo sobre tela
109 x 71 cm



Oswald, da série **Strange Portraits** [Retratos estranhos], 1978
Tinta gliceroftálica sobre tela
100 x 65 cm



The World Today [O mundo hoje], da série **Peut-être plus tard** [Talvez mais tarde], 2011
Tinta gliceroftálica sobre tela
98,5 x 70 cm



Homage à [Homenagem a] Liotard, da
série **1001 Nights [1001 noites]**, 1977
Óleo sobre tela
96,5 x 77,5 cm



**Poupée du Radeau de la Méduse [Boneca da
Jangada da Medusa]**, da série **Portraits de
Poupées [Retratos de bonecas]**, 1992
Óleo sobre tela
100 x 60,5 cm



CRONOLOGIA

1932 Nasce Guðmundur Guðmundsson em 19 de julho, em Ólafsvík, no noroeste da Islândia, filho de Sóffía Kristinsdóttir e Guðmundur Einarsson de Miðdalur, um conhecido artista figurativo.

1934 Muda-se com a mãe de Reykjavík para o sul da Islândia. Em 1936, ela se casa com Siggeir Lárusson, agricultor de Kirkjubæjarklaustur, e nascem Lárus, Kristinn e Gyða.

1942 Desenha e pinta, sobretudo paisagens, sob influência de Jóhannes S. Kjarval, figura central da arte islandesa, que passa os verões trabalhando em Kirkjubæjarklaustur. Interessa-se por volumes ilustrados das sagas islandesas e pelas visões surrealistas do artista russo-americano Pavel Tchelitchev, presentes na biblioteca da família. Desenvolve um interesse apaixonado pela fotografia.

1946 Continua seus estudos em Reykjavík e frequenta aulas noturnas de desenho na Escola de Artes e Ofícios. Visita exposições e aprende os fundamentos da aquarela por meio de filmes didáticos emprestados pela Embaixada dos Estados Unidos. Torna-se um frequentador assíduo de cinemas, assistindo a uma grande variedade de filmes.

1949 Ingressa na Escola de Artes e Ofícios de Reykjavík, onde experimenta recortes em papel e outras técnicas.
1951 Durante as férias de verão, aprende os fundamentos da revelação, impressão e ampliação fotográfica.

1952 Estuda pintura e afresco na Academia Nacional de Belas-Artes de Oslo e gravura e litografia na Escola de Artes Decorativas e Industriais. Acompanha a restauração das pinturas de Munch. Realiza viagens de estudo ao exterior. Em Estocolmo, vê uma grande exposição de arte mexicana, do período pré-colombiano à atualidade. Em Paris, visita museus e igrejas. Na Espanha, admira Bosch e El Greco. Na Itália, impressiona-se com a cultura e o modo de vida.

1954 Explora museus na Alemanha, com foco em obras expressionistas, antes de retornar à Itália. Matricula-se na Academia de Belas-Artes de Florença e na Escola de Arte do Mosaico de Ravena. Adota o pseudônimo Ferró, inspirado na vila pesqueira espanhola Castell de Ferro. Torna-se amigo do artista francês Jean-Jacques Lebel, que o introduz ao Dadaísmo e ao Surrealismo.

1956 Realiza sua primeira exposição individual na Galeria Montena-leone, em Milão, apresentando as expressivas pinturas da série *Carcasses*, inspiradas em Leonardo da Vinci, Paolo Uccello, Leonardo Cremonini, Marino Marini e Rufino Tamayo. Em dezembro, viaja a Paris com a artista israelense Myriam Bat-Yosef, com quem se casa. O casal tem uma filha em 1960 e se separa em 1964.

1957 Em Reykjavík, produz os turbulentos desenhos *Sur-Atom* e expõe pinturas, mosaicos e desenhos na Casa dos Artistas (Listamannaskálinn). Cria painéis de mosaico para a Escola Técnica Superior de Reykjavík e para igrejas em Hólar e Patreksfjörður.

1958 Expõe no Bezalel National Museum, em Jerusalém, no Museu de Arte de Tel Aviv e no Museu de Arte de Haifa. Em Jaffa, cria suas primeiras colagens, combinando desenho e recortes de imprensa para a série *Unmask the Physicists, Empty the Laboratories!* (mais tarde *Radioactivity*), cujo título retoma um panfleto surrealista antinuclear distribuído em Paris. Estabelece-se em Paris, na Rue Maître-Albert.

1959 Por intermédio de Jean-Jacques Lebel, é apresentado a figuras centrais dos círculos dadaístas e surrealistas. Produz desenhos colaborativos com Roberto Matta. Cria cerca de cem colagens a partir de imagens da imprensa e pinta suas primeiras telas *Meca-Make-Up*, baseadas em “mecacolagens”, que misturam rostos de modelos de moda com elementos mecânicos. Constrói as assemblages *Mecamasks*.

1960 Apresenta a exposição *Mechamorphoses*, com obras inspiradas na ciência e na tecnologia, na Galeria Chirvan, em Paris. Expõe na Casa dos Artistas, em Reykjavík. Na França e na Itália, participa dos eventos artísticos internacionais

Anti-Procès, em oposição à Guerra da Argélia, à tortura e ao racismo. Correaliza *The Great Collective Antifascist Painting* com Jean-Jacques Lebel, Enrico Baj, Roberto Crippa, Gianni Dova e Antonio Recalcati.

1962 Transfere sua casa e ateliê para a Rue de Bucy, em Paris. Expõe na Galeria Jean Dols, em Liège. Em Veneza, distribui seu manifesto *Mecanismo*, introduzindo o conceito de “mecacolagem”. Participa do happening de Jean-Jacques Lebel, *To Conjure up the Spirit of Catastrophe*, na Galeria Raymond Cordier, em Paris. Cria cenários e adereços para *Mechanical Concerto for Madness or the Mad Mechamorphosis*, filme experimental de Éric Duvivier, que faz uma reflexão sobre a humanidade em um mundo mecanizado.

1963 Em Veneza, distribui o catálogo *Mecanismo n° 2*, que enumera motivos ligados à máquina na história da arte. Abre sua exposição na Galeria Sydow, em Frankfurt, com seu primeiro *happening*, *The Art Critics*, um protesto contra o mercado de arte. Apresenta telas recentes na Galerie Saint-Germain, em Paris. Suas pinturas passam a incorporar cada vez mais imagens *ready-made* da imprensa, às vezes de forma exclusiva. Acompanha as primeiras manifestações da Pop Art americana apresentadas pela Galeria Ileana Sonnabend, em Paris.

1964 Em Nova York, desde meados de dezembro de 1963, mergulha nos círculos de vanguarda e frequenta cinemas underground. Abandona definitivamente o desenho a partir da imaginação e passa a usar imagens produzidas em massa para compor colagens que servem de modelo para suas pinturas. Expõe na inconformista Galeria Gertrude Stein e fotografa a performance *Eye Body*, de Carolee Schneemann. Em Paris e Londres, realiza o *happening Gold Water*, dirigido contra o senador conservador americano e candidato presidencial Barry Goldwater. Pinta *Foodscape*, seu primeiro “*scape*”, uma paisagem de alimentos baseada em uma colagem de grande formato (2 m x 3 m). Na Galeria Schwarz, em Milão, apresenta obras “made in USA”.

1965 Viaja a Moscou. Realiza exposições individuais em Roma, Reykjavík e Paris. Participa da exposição *Narrative Figuration in Contemporary Art* na Galeria Creuze, em Paris. Inicia um relacionamento com a modelo americana Mary Knopka, com quem vive até 1970.

1967 Em Havana, colabora no Mural Coletivo de Cuba, celebrando a Revolução Cubana. Em Paris, conclui vários filmes, entre eles, *Grimaces*, iniciado em 1964, que reúne artistas e intelectuais internacionais fazendo caretas. Adota o pseudônimo Erró, após um litígio jurídico com o artista francês Gabriel Ferraud, cujo nome é homônimo de Ferró. Faz uma segunda viagem a Moscou.

1968 Desenha anonimamente para o ateliê popular da Escola de Belas-Artes de Paris, que produz cartazes políticos em serigrafia durante os acontecimentos de maio de 1968. Sua exposição na Galeria Claude Givaudan, em Paris, consiste em projeções contínuas de slides de suas obras, que podem ser encomendadas em qualquer formato e executadas pela empresa profissional de pintura de cartazes Publicité Machils.

1969 Sua exposição no ARC, Musée d’Art Moderne de la Ville de Paris, lhe confere reconhecimento internacional. Participa de filmes experimentais de Martial Raysse. Recebe o Prêmio Cassandra da William and Noma Copley Foundation, em Chicago.

1971 Com apoio de uma bolsa do DAAD, permanece e expõe em Berlim. Abre uma casa-ateliê em Formentera, ilha balear na Espanha, onde começa a passar os verões. Em novembro, inicia uma viagem ao redor do mundo: Afeganistão, Índia, Tailândia, Singapura, Hong Kong, Indonésia, Japão e Estados Unidos.

1973 No museu Palais Galliera, em Paris, apresenta séries recentes sob o título *One Day Show*, antes de seguirem para Milão e Munique. Começa a trabalhar de forma anual em Bangcoc, onde encomenda a artistas de cartazes de cinema que recriem suas colagens em tela – colaboração à qual retorna periodicamente. Conhece Vilai Permchit, jovem viúva e mãe, que se estabelece com ele em Paris e permanece como sua companheira até sua morte, em 2023.

1975 A primeira exposição itinerante organizada pelo Centre Pompidou, de Paris, é dedicada à sua obra. Produz cem colagens para a reabilitação do Molino Stucky, moinho desativado na Giudecca, projeto lançado pela Bienal de Veneza.

1976 Suas *Chinese Paintings*, apresentadas no Kunstmuseum de Lucerna em 1975, são exibidas em Munique, Aachen, Roterdã, Paris e Nova York. Participa da exposição *06 Art 76* do MNAM–Centre Pompidou, que circula pelos Estados Unidos. Visita a base da NASA em Houston, onde obtém imagens posteriormente utilizadas na *Space Series*.

1977 Participa da exposição *Everyday Mythologies 2* no ARC 2, Musée d’Art Moderne de la Ville de Paris, e de *Paris–New York (1908–1968)* no MNAM–Centre Pompidou. Apresenta *Space Program* na Galeria Beaubourg, em Paris, com pinturas que associam astronautas e nus extraídos da história da arte.

1978 Uma retrospectiva no Museu de Arte de Reykjavík – Kjarvalsstaðir marca seu retorno à cena artística islandesa.

1980 Instala seu ateliê na Rue Fondary, em Paris. Em 1981, expõe na Galeria Maeght, em Zurique. Uma retrospectiva de sua obra circula pela Suécia, Noruega, Finlândia e Dinamarca. Cria um dos quinze cartazes oficiais da Copa do Mundo FIFA de 1982.

1982 Apresenta *Hommage to the Comics*, um grande mural comissionado pela cidade de Angoulême, casa de um renomado festival de quadrinhos. Expõe pinturas políticas baseadas em caricaturas alemãs e soviéticas na Galeria Jan Six, em Paris.

1984 Pinta quatro “*scapes*” sobre o tema do automóvel para o Departamento de Pesquisa, Arte e Indústria da Renault, experimentando um novo tipo de composição espacial baseado em modelos 3D em wireframe, gerados por computador.

1985 Todos os seus “*scapes*” e as colagens preparatórias são apresentados no ARC 2, Musée d’Art Moderne de la Ville de Paris. Colagens e pinturas da série *Counterpoints*, dedicada a compositores, são exibidas no Musée des Beaux-Arts de Dole.

1986 Representa a Islândia na 42ª Bienal de Veneza com uma seleção de “*scapes*”.

1988 Participa da exposição *Hommage – Démontage* na Neue Galerie–Sammlung Ludwig, em Aachen. Inaugura um grande afresco para a sala do conselho da Prefeitura de Lille, composto por vinte painéis que traçam a história da cidade.

1989 Por ocasião de sua exposição no Museu de Arte de Reykjavík – Kjarvalsstaðir, realiza uma importante doação de obras pessoais e arquivos à cidade de Reykjavík.

1990 Viaja ao Vietnã e visita locais marcados pela guerra. Participa da exposição *The Nordic 60s*, que circula pelos países nórdicos. Inaugura dois grandes murais na Bibliothèque des sciences et de l’industrie, em Paris.

1993 Visita o Camboja, confrontando a realidade das atrocidades do regime de Pol Pot. Compõe uma grande pintura sobre o tema. Sua exposição *Art History, Politics, Science Fiction* circula por Copenhague, Pori, Gotemburgo, Edimburgo e Reykjavík. Uma mostra dedicada ao artista é apresentada no České muzeum výtvarných, em Praga.

1996 A exposição *Erró: From Mao to Madonna* é apresentada no Museum Moderner Kunst Stiftung Ludwig, em Viena. Suas *Political Paintings* são exibidas no Wilhelm-Busch-Museum, em Hannover, e no Aktionsforum Praterinsel, em Munique, antes de circular por Hamburgo, Berlim, Belgrado, Budapeste e Bratislava em 1997 e 1998.

1997 Institui um prêmio anual em Reykjavík para jovens artistas mulheres da Islândia, em memória de sua tia Guðmunda Kristinsdóttir.

1998 Instala *Doll’s House*, obra tridimensional criada com a colaboração de alunos de escolas da região, no Palais 7 Portes, em La Ravine des Cabris (Reunião). Concebe um painel cerâmico com o tema do mar para a estação de metrô Oriente, comissionado para a Exposição Universal de Lisboa.

1999 Para celebrar o novo milênio, a Galeria Nacional do Jeu de Paume, em Paris, apresenta a exposição *Erró: Images of the Century*, que circulou entre 2000 e 2001 por Charleroi, Marselha, Riga e Helsinque.

2001 Participa da exposição *The Pop Years* no MNAM–Centre Pompidou, em Paris. O Museu de Arte de Reykjavík apresenta sua Erró Collection ao público em uma grande retrospectiva no Hafnarhús, seu novo edifício.

2002 Participa da exposição *Paris, Capital of the Arts 1900–1968* na Academia Real de Artes, em Londres, e no Museu Guggenheim Bilbao.

2004 Participa da exposição *Bulgakov, or the Spirit of Liberty* no National Art Museum of Ukraine, em Kiev. A retrospectiva *Worldscapes: The Art of Erró* é apresentada na Grey Art Gallery da New York University. Expõe a série *Amazons in Proverbs* na Galeria Louis Carré & Cie, em Paris, e realiza uma retrospectiva de suas aquarelas na Galeria Sonia Zannettacci, em Genebra.

2005 Uma retrospectiva de suas obras, apresentada em 2004 no Museo Nacional de Bellas Artes de Havana, é reapresentada no Museu Es Baluard, em Palma de Maiorca, e no Mannheimer Kunstverein, em Mannheim. A exposição *Erró: Erased Memories* é apresentada na Galeria Ernst Hilger, em Viena.

2006 A exposição *Erró: The Big World Collage* é apresentada no Institut Valencià d'Art Modern e na Sala Alcalá 31, em Madri. Concebe um friso mural cerâmico baseado na série *Femmes fatales* para a fachada do Musée d'Art contemporain de Sérignan.

2007 Apresenta uma exposição individual no Today Art Museum, em Pequim.
2008 Em 2008, participa de *Europop* no Kunsthau Zürich e de *The Narrative Figuration, Paris 1960–1972* no Grand Palais, em Paris, e no IVAM, em Valência.

2010 Após suas doações a essas instituições, retrospectivas de suas colagens são apresentadas no Departamento de Artes Gráficas do MNAM–Centre Pompidou, em Paris, e no Museu de Arte de Reykjavík – Hafnarhús.

2011 Participa da exposição *Surrounding Bacon and Warhol* no Astrup Fearnley Museum, em Oslo. Em *Erró: Portrait and Landscape*, a Schirn Kunsthalle, em Frankfurt, apresenta uma seleção de seus “scapes” e da série *Monsters*.

2014 Uma grande retrospectiva de sua obra é apresentada no Musée d'art contemporain de Lyon. Concebe um mural para o bairro de Breiðholt, em Reykjavík, seguido por um painel cerâmico em 2015.

2015 Participa de *Picasso.mania* no Grand Palais, em Paris. Integra *The World Goes Pop* na Tate Modern, em Londres, e *International Pop* no Walker Art Center, em Minneapolis.

2018 Participa do 57º Salão de Outubro, em Belgrado, e da exposição *Lost, Loose and Loved: Foreign Artists in Paris 1944–1968* no Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, em Madri.

2020 Expõe na Galeria Perrotin, em Nova York. Participa de *International Pop* na Mayor Gallery, em Londres.

2022 A grande retrospectiva *Erró: The Power of Images* é apresentada no Museu de Arte de Reykjavík – Hafnarhús, antes de seguir para o AROS Aarhus Kunstmuseum em 2023. Em Paris, participa de *Things – A History of Still Life* no Musée du Louvre e de *Paris and Nowhere Else* no Musée de l'histoire de l'immigration. Em 2023, integra a exposição *Pop Years, Shock Years 1960–1975* no Mémorial de Caen.

2024 Cria um mural de 16 m² inspirado no universo dos quadrinhos para sua cidade natal, Ólafsvík. Uma retrospectiva de sua obra é apresentada no Podgorica Modern Art Museum. A exposição *Erró: Art History Revisited* é apresentada no Musée d'Angoulême. Expõe pinturas recentes na exposição individual *Contemporary Mythologies* na Galeria Strouk, em Paris.

2025 O Museu de Arte de Reykjavík – Hafnarhús apresenta uma nova seleção de obras em *Erró Remix*.

2026 A Fundação Iberê, em Porto Alegre, apresenta *Erró: de imagem a imagem* – sua primeira exposição individual no Brasil.





CONSELHEIROS

Jorge Gerdau Johannpeter
Presidente
Arthur Bender Filho
Arthur Hertz
Beatriz Bier Johannpeter
Celso Kiperman
Dulce Goettems
Fernando Luís Schüller
Hermes Gazzola
Isaac Alster
Joseph Thomas Elbling
Júlio Cesar Goulart Lanes
Lia Dulce Lunardi Raffainer
Livia Bortoncello
Nelson Pacheco Sirotsky
Renato Malcon
Rodrigo Vontobel
Sérgio D'Agostin
William Ling

Conselho Fiscal

Carlos Cesar Pilla
Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna
Gilberto Schwartzmann
Heron Charneski
Ricardo Russowsky
Volmir Luiz Gilioli

Diretores

Justo Werlang
Diretor-Presidente
Ingrid de Kroes
Vice-Presidente
Rodrigo Azevedo
Vice-Presidente
Anna Paula Vasconcellos Ribeiro
Cesar Paz
Fabio Chemello
José Luiz de Mello Canal
Marcelo Bezerra de Mello Marinho
Mathias Kisslinger Rodrigues
Pedro Dominguez Chagas

EQUIPE

Diretor-Superintendente

Emilio Kalil

Secretaria Executiva

Nara Rocha

Comunicação e Imprensa

Roberta Amaral

Design e Plataformas Digitais

José Kalil

Administrativo/Financeiro

Luciane Zwetsch
Guilherme Collovini

Programa Educativo

Lêda Fonseca, consultoria pedagógica
Ilana Machado, coordenação
Gabrielle Aguiar Lopes e Juliana Corrêa, assistentes de coordenação
Brenda Leie, Eduarda Cartagena, Laura Fardin Kochhann, Leonardo Hoppe Zillmann, Leonardo Miguel Ramos, Livia Padilha Alves, Luísa Vieira, Samuel Argêo Sant'Ana e Yasmin Lima, mediação

Acervo/Ateliê de Gravura

Eduardo Haesbaert
Gustavo Possamai
Joana Alencastro
Jonathas Rosa dos Anjos

Consultoria Jurídica

Silveiro Advogados

Gestão do Site e TI

Machado TI

Produção

Patrick Arozi

Conservação e Manutenção

Lucas Bernardes Volpatto
Arnaldo Henrique Michel
Alisson Folletto

Receptivo

Iury Fontes dos Passos
Laura Palma

Direção

Markús Þór Andrésson

Gestão Administrativa

Aldís Snorradóttir

Curadoria da

Coleção Erró

Danielle Kvaran

Registrar

Edda Halldórsdóttir

Gestão de Acervos

Erik Hirt

Equipe Técnica

Kristín Helga Ríkharðsdóttir
Philippe Clause

Coordenação de

Acervos e Pesquisa

Sigurður Trausti Traustason

Equipe do Museu de Arte de Reykjavík diretamente envolvida na realização desta exposição.

ERRÓ DE IMAGEM A IMAGEM

EXPOSIÇÃO

Curadoria

Danielle Kvaran

Design gráfico

Adriana Tazima

Montagem

Concreção

Seguro

Howden Brasil

Transporte

Atlantis

Laudos técnicos

Edda Halldórsdóttir
Sigurður Trausti Traustason

Produção e Realização

Fundação Iberê
Museu de Arte de Reykjavík

CATÁLOGO

Coordenação editorial

Gustavo Possamai

Texto e cronologia

Danielle Kvaran

Tradução

Rafael Falasco

Revisão de texto

Beatriz Caillaux

Projeto gráfico

Pomo Estúdio

Fotografias

Danielle Kvaran, p. 61
Eyþór Árnason, p. 39
Museu de Arte de Reykjavík, p. 2, 4, 16-21, 23-27, 28 (superior), 29-38, 40, 42, 44-47, 48 (exceto superior direita), 49-55, capa e contracapa
Pétur Thomsen, p. 6, 13-15, 22, 28 (inferior), 41, 43
Vigfús Bjarnason, p. 48 (superior direita)

Impressão

Ideograf

Edição 2026

© Fundação Iberê

Página 56: Erró na classe de afresco de Per Krohg, Academia de Belas Artes, Oslo, c. 1953-54.

Página 61: Erró em seu ateliê, Paris, 2021.

As obras reproduzidas neste catálogo pertencem à Coleção Erró do Museu de Arte de Reykjavík.

A exposição inclui os vídeos *Mary Monster* (c. 1965-67), *Stars* (c. 1966-67) e *Grimace* (1964-67).

Todos os esforços foram feitos para identificar os detentores dos direitos autorais das imagens aqui reproduzidas. Eventuais falhas ou omissões serão corrigidas em futuras edições.

Erró : de imagem a imagem / curadoria de
Danielle Kvaran. – Porto Alegre :
Fundação Iberê Camargo, 2026.

64 p. : il. col.

Catálogo da exposição realizada na Fundação Iberê
de 28 de março a 02 de agosto de 2026.
Inclui cronologia biográfica do artista.

ISBN 978-85-89680-99-8

1. Erró, 1932-- Exposições. 2. Erró -- Serigrafias.
3. Erró -- Pinturas. 4. Catálogos de exposição.
I. Fundação Iberê Camargo. II. Kvaran, Danielle.
III. Título.

CDD 709.2

Ficha Catalográfica elaborada por Joana Bischoff Alencastro CRB 10/1677



A FUNDAÇÃO IBERÊ REALIZA SEUS PROJETOS ATRAVÉS DE LEIS DE INCENTIVO À CULTURA
AGRADECEMOS O IMPORTANTE PATROCÍNIO E APOIO DAS EMPRESAS PARCEIRAS E MANTENEDORES

PATROCINADORES



GRUPO **GPS**

Grupo Savar



PROGRAMA EDUCATIVO



APOIO/PARCEIRIAS

Perto



Manhattan



COASA



PATROCÍNIO LEI ESTADUAL DE INCENTIVO À CULTURA
PROGRAMA EDUCATIVO



Fundação **Iberê**

MINISTÉRIO DA
CULTURA



MANTENEDORES DA FUNDAÇÃO IBERÊ | 2026

BENEMÉRITO: JORGE GERDAU JOHANNPETER

CONSELHEIROS MANTENEDORES: ARTHUR HERTZ | BEATRIZ BIER JOHANNPETER | CELSO KIPERMAN
DULCE GOETTEMES | HERMES GAZZOLA | ISAAC ALSTER | JOSEPH THOMAS ELBLING
JÚLIO CESAR GOULART LANES | LIVIA BORTONCELLO | NELSON SIROTSKY | RENATO MALCON
RODRIGO VONTOBEL | SERGIO D'AGOSTIN | WILLIAM LING

MANTENEDORES OURO: ANA LOGEMANN | ANNA PAULA VASCONCELLOS RIBEIRO | IRINEU BOFF
JUSTO WERLANG | PATRICK LUCCHESI | SILVANA ZANON





Fundação **Iberê**

www.iberecamargo.org.br

LISTASAFN REYKJAVIKUR
ART MUSEUM

www.artmuseum.is

ISBN 978-85-89680-99-8

